

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ  
9 e 14 de junho de 2025

## DAUGHTERS COURAGEOUS / 1939

### FILHAS CORAJOSAS

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz/ Argumento: Julius J. Epstein, Dorothy Bennett, Irving White, segundo a peça *Fly Away Home* de Dorothy Bennett e Irving White / Fotografia: James Wong Howe/ Direcção Artística: John Hughes/ Montagem: Ralph Dawson/ Música: Max Steiner/ Intérpretes: John Garfield (Gabriel Lopez), Claude Rains (Jim Masters), Jeffrey Lynn (Johnny Heming), Fay Bainter (Nan Masters), Donald Crisp (Sam Sloane), May Robson (Penny), Frank McHugh (George), Dick Foran (Eddie Moore), George Humbert (Manuel Lopez), Berton Churchill (Juiz Henry Hornsby), Priscilla Lane (Buff Masters), Rosemary Lane (Tinka Masters), Lola Lane (Linda Masters), Gale Page (Cora Masters), etc.

Produção: Hal B. Wallis, First National Pictures (Warner Bros. Pictures, Inc., Estados Unidos da América)/ Cópia: 35mm, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português/ Duração: 106 minutos/ Estreia Mundial: 23 de junho de 1939/ Estreia em Portugal: São Luiz, 30 de junho de 1942

Na sequência do êxito alcançado por *FOUR DAUGHTERS* (1938, primeiro filme de John Garfield e que lhe valeria uma nomeação para o Oscar de Melhor Ator Secundário, tal como valeria a Michael Curtiz a nomeação para o Oscar de Melhor Realizador, num total de cinco nomeações), os estúdios da Warner apressam-se a dar início a uma sequência, novamente com base na obra de Fannie Hurst. Mas antes ainda da produção dessa primeira “verdadeira” ou direta sequência (*FOUR DAUGHTERS* teria como continuação *FOUR WIVES*, de 1939, e *FOUR MOTHERS*, de 1941, este já não realizado por Michael Curtiz mas sim por William Keighley, realizador que co-assinara *THE ADVENTURES OF ROBIN HOOD*), reúnem – em resposta à solicitação do público – grande parte do elenco e da equipa técnica para este *DAUGHTERS COURAGEOUS* a que George Morris chamaria de “nem uma sequência nem um *remake*, mas uma mistura única de paráfrase e elaboração.”

De facto, *DAUGHTERS COURAGEOUS* é frequentemente comparado com *FOUR DAUGHTERS* e visto como um seu “duplo”, o que é desde logo anunciado no próprio genérico de abertura que apresenta as irmãs Lane (Rosemary, Lola, Priscilla) e Gale Page como “As Quatro Filhas” (mais recentemente, a edição DVD da Warner Bros. da série “Four Daughters” inclui *DAUGHTERS COURAGEOUS*, colocando-o sem dúvida como fazendo parte dela). E, à época, foram raras as críticas que não estabeleceram uma relação entre os dois títulos ou não os compararam entre si, para realçar um ou outro, embora no final o sucesso de bilheteira tenha sido mais favorável ao primeiro (mas foi suficientemente rentável para ter um *remake* alguns anos mais tarde).

“Variação”, portanto, de *FOUR DAUGHTERS*, em que a vida familiar de um viúvo com quatro filhas é perturbada pela chegada de dois jovens músicos, em *DAUGHTERS COURAGEOUS* o conflito é a dobrar e conta com dois intrusos: um homem (Claude Rains, novamente, mas num registo totalmente diverso, agora o de um “homem desarmantemente atraente, com um humor atrevido e língua fácil”) regressa inoportunamente ao seio familiar após uma ausência de 20 anos, no momento exato em que o noivado da ex-mulher é anunciado e aprovado pelas quatro filhas. O outro “intruso” no seio desta família é o filho de um pescador português, interpretado por John Garfield, cujo romance com Buff (Priscilla Lane) não é bem recebido pela mãe – que antecipa uma repetição da sua própria história. O argumento joga assim com a duplicidade das personagens e com o paralelo entre “idealismo” e “realismo”, concluindo – em plena época do Código Hays, claramente defensora do matrimónio e da moralidade da classe média – que alguns homens não se adequam ao casamento e à vida familiar. Os dois “intrusos” serão por isso “sacrificados” em nome dessa moralidade, reunindo-se na estação de comboio numa cena que faz lembrar a cena final com a “beautiful friendship” de *CASABLANCA*. Em Portugal, o filme teve uma receção crítica pouco calorosa, referindo-se que “há quem goste do género”, “nós não”, “para quem goste do género...”, e em Itália essa questão da moral – designadamente pelo divórcio – foi vista como estranha e o filme não recomendado para todos os públicos. Já Michael Curtiz considerou-o a sua “obra-prima obtusa”.

Teresa B. Borges